

Liber Intellectus

Liber Intellectus, Ano 2, Vol. 1, nº 3, julho de 2008

IMAGENS DE BOLÍVAR

Das Guerras de Independência ao *Chavismo*

Patrícia Pinheiro de Melo¹

“E o tempo me falou: Sou o pai dos séculos, o misterioso depositário da fama; a desconhecida Eternidade foi minha mãe; o infinito assinala os confins do meu reino; nenhum sepulcro poderá guardar-me nunca porque sou mais poderoso que a morte; minha visão alcança o Passado e o Futuro, e, através de minhas mãos, flui o Presente.”²

(“Mi sueño del Chimborazo” - 1817

Simón António de La Santísima Trinidad Bolívar y Palacios)

RESUMO

Este artigo trata das imagens que se construíram sobre Simon Bolívar desde o século XIX, a partir das lutas de independência na América espanhola e da formação dos Estados Nacionais Hispano-Americanos, e pelos seguimentos intelectuais, artísticos e políticos da América e da Europa. Nesta análise também são incluídas as apropriações mais recentes feitas pelo presidente venezuelano, Hugo Chávez, em torno da figura do *Libertador*. O conhecimento atual dos estudantes de diferentes níveis escolares de Pernambuco sobre quem foi e o que realizou Simón Bolívar, é uma das discussões deste trabalho.

Palavras-chave: Bolívar, Imagem, História.

¹ Doutor - Prof. Adjunto - História da América - Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco. Vice-Coordenadora do Núcleo de Estudos e Debates sobre a América Latina - NEDAL - CFCH - UFPE. E-mail: imacomundi@ig.com.br

² HARVEY, Robert. *Los Libertadores: la lucha por la independencia de América Latina*. Barcelona, RBA Libros S.A. 2002. Pág. 216.

INTRODUÇÃO

Herói, sanguinário, canalha³, traidor, traído, libertador ou ditador? São muitas as imagens produzidas como resultado das performances de Bolívar, em suas ações e reações ao longo dos acontecimentos que envolveram as convulsivas quatro décadas em que viveu, mas imagens que foram, também, construídas por desafetos e admiradores, cada um em seu intento de transmitir suas próprias conveniências em cada circunstância histórica. Bolívar é figura que ainda hoje transmite sentimentos extremos, cuja conciliação a historiografia está longe de solucionar.

Com o objetivo de avaliar quais imagens de Bolívar têm sido veiculadas nas escolas de ensino fundamental e médio, perguntamos aos alunos: *Quem foi e o que realizou Simón Bolívar? O que você pensa sobre ele?* A questão foi aplicada em 9 escolas da rede pública de ensino do Estado de Pernambuco, e atingiu 750 estudantes numa faixa etária de 12 a 18 anos em nível de escolaridade entre 5ª e 8ª séries do ensino fundamental e 1º a 3º anos do ensino médio. Quanto à classe social dos estudantes, apesar de se tratar de escolas públicas, há um percentual de aproximadamente 12% pertencente à classe média, clientes na sua maioria de escolas modelos como a Escola Técnica e o Colégio de Aplicação da UFPE, sendo os 88% restantes da classe básica. Os resultados da enquête seguem no quadro abaixo:

| Nível Escolar | Nº Alunos Consultados | Nível das respostas por porcentagem | | | | | |
|--|-----------------------|-------------------------------------|-----|---------|---------------|-------------------|-------|
| | | Excelente | Bom | Regular | Não Respondeu | Resposta Equívoca | Total |
| Fundamental 5ª a 8ª séries e Médio 1º a 3º ano | 750 | 9% | 7% | 2% | 37% | 15% | 30% |
| | | 26% | | 2% | 52% | | 100% |
| | | 48% | | | | | |

Observamos que o percentual de respostas excelentes concentra-se nas instituições modelo, acima mencionadas, representando um total de 4 dos 9%, sendo os restantes

³ Como havia lido concebido Karl Marx em carta endereçada a F. Engels pouco antes de escrever o seu famoso artigo de 1858.

5% distribuídos em 4 escolas públicas de Pernambuco. As respostas consideradas excelentes foram aquelas que indicaram a origem geográfica e de classe de Bolívar, sua trajetória militar e o objetivo, alcance geográfico e importância para a América Latina das guerras que empreendeu, além do seu projeto de governo e alguma impressão pessoal sobre o sujeito histórico. Na maioria, essas impressões remeteram à figura de um herói militar. Outras informações complementares foram levadas em consideração, como a organização do Congresso do Panamá e seus objetivos, a participação do General Abreu e Lima naquele movimento de independência, assim como os objetivos do projeto republicano imposto por dois anos à Grande Colômbia por Bolívar.

Foram consideradas no nível bom as respostas que apenas se limitaram a responder sobre a origem geográfica e de classe de Bolívar, sua trajetória militar e, o objetivo, alcance geográfico e importância das guerras que empreendeu. Os 22% regulares, se referem aos textos que responderam parcialmente à questão. No grupo que não respondeu à questão, havia observações como “*Nunca ouvi falar dele*”, resposta da maioria, ou “*Já ouvi falar mas não sei quem é*”. Finalmente, as respostas equivocas são as que confundiram Simon Bolívar com outros sujeitos, como com “*um conquistador da colônia que conquistou Buenos Aires*”, ou as que não cabem em um contexto histórico preciso, como “*foi um holandês que nasceu nas Américas e foi decapitado vivo*”. Uma das respostas, não coube em nenhum lugar da nossa classificação, mesmo assim a consideramos como equivocada, pois se trata de uma referência tardia e remete à recente utilização da figura de Bolívar “*Foi um amigo de Hugo Chávez presidente da Venezuela muito ruim*”.⁴

Embora reconheça que, em termos quantitativos e geográficos, a enquête seja limitada, ela representa uma amostragem que não deve ser desprezada. Ainda que em níveis variáveis entre regular e excelente, 48% dos alunos responderam à questão sobre quem foi e o que realizou Simon Bolívar, e 52% nunca ouviram falar, ou nada sabiam sobre ele. Esses percentuais, embora quase em equilíbrio, indicam que ainda há um desconhecimento considerável sobre o assunto entre os alunos, o que pode refletir o grau de importância que tem sido dado ao conteúdo didático sobre a História da América de língua espanhola, nas escolas públicas de ensino médio e fundamental em Pernambuco - Brasil. Não se pode negar que, em parte os resultados também refletem as

⁴ Transcrevemos os trechos dos textos dos alunos sem modificação.

carências de toda a natureza, que envolvem o processo de ensino-aprendizagem em instituições de vários níveis escolares e sociais. Além disso, a forma com que se trabalha em sala de aula, a própria formação dos professores e a ênfase que é dada aos estudos sobre a América, ainda estão muito aquém do que pode ser feito para que se possa garantir o melhor conhecimento sobre a História da América Latina. Infelizmente, ainda há um considerável desequilíbrio na atenção que os currículos escolares dispensam ao ensino de História da Europa e ao ensino da História latino-americana.

Um levantamento realizado entre alunos universitários que ainda não haviam cursado as disciplinas de História da América, utilizando a mesma questão, teve um resultado ainda mais preocupante: quase 99% dos entrevistados não sabiam quem foi Simon Bolívar, ou tiveram alguma informação sobre ele através da mídia ou durante a formação escolar básica, mas sem que pudessem precisar quem foi e qual sua participação na História deste sub-continente. Esses resultados demonstram que a História da América tem passado como assunto de menos importância, e por isso com o tempo, os alunos esquecem os seus respectivos conteúdos; ou que, simplesmente essa história não faz parte dos conteúdos veiculados em sala de aula.

Se perguntássemos a qualquer desses alunos sobre César, Napoleão, Cleópatra, ou Luis XV, certamente saberiam responder, e a razão disso é muito evidente: nossos currículos escolares ainda têm uma orientação predominantemente europocêntrica. Muitos brasileiros, sequer, se dão conta de que são latino-americanos. Alguém disse, com muita propriedade, que nós crescemos e vivemos de costas para o resto da América Latina. Assim, da falta de interesse, chegamos ao estranhamento, à indiferença e ao desprezo mútuo, o que nos faz cada vez mais distantes de uma realidade histórica que também é nossa. Como nos conceber a nós mesmos como latino-americanos se estamos tão apartados da nossa própria história? Como desejar o sonho de “[...] *viver numa América Latina independente, desenvolvida, unida, pátria de homens e mulheres livres, protagonistas de uma civilização mundial humanista*” como assim desejou o historiador Argentino Marcos Kaplan (KAPLAN, 1974), se ao menos guardamos uma memória, uma imagem, uma lembrança do que chamamos de América?

Após esta breve introdução, de caráter quase técnico e, talvez, enfadonho, me atrevo a convidar o leitor a seguir lendo as próximas páginas, que falam do gênio, do

caráter, e das imagens de Simon Bolívar que um dia foi aclamado como o Libertador da América, e em outro foi banido como o Louco do Sul. Imagens de um homem polêmico, cuja trajetória está cheia de glórias, mas também de enganos e fracassos. Imagens, talvez, muito próximas as do próprio povo latino-americano que ao mesmo tempo é tão rico e tão pobre, tão feliz e tão sofrido, de tantas glórias e fracassos.

IMAGENS DO TRAJETO

Em 1742, Juan Bolívar pagou a exuberante quantia de 22 mil dobrões de ouro a Felipe V para que ele lhe concedesse o título de *Marquês de San Luis*. Tratava-se do chefe de uma família das mais distintas da América espanhola, detentora de uma das maiores fortunas coloniais, e que servia aos reis católicos havia quase três séculos. Mas, os genealogistas espanhóis, enviados para certificar a pureza da linhagem dos *Bolívar y Palácios*, descobriram duas manchas irreparáveis em seus antepassados, uma de sangue negro e outra indígena. Assim, *el Rei* negou o título ao avô de Simón, o que indignou a família orgulhosa de suas origens espanholas. Entretanto, a extração mestiça do Libertador lhe seria muito favorável no futuro.

Quando criança, Simon Bolívar foi capaz de por à prova a paciência de todos os seus sete tutores entre os três e os nove anos de idade, mas terminou sendo educado por um homem considerado excêntrico e de métodos educativos pouco convencionais para a sua época, não por ter lhe iniciado no pensamento dos filósofos iluministas mas, por ter ensinado ao jovem e rico rapaz a sobreviver em situações adversas. O mestre de Bolívar o fazia cavalgar vários dias em cavalo a pêlo, tendo que caçar sem armas para sobreviver, alimentando-o com rações espartanas e ensinando-o a superar perigos em terras inóspitas (HARVEY, 2002: 82). Simón converteu-se em um grande cavaleiro, num esgrimista sagaz e num excelente nadador. Sem dúvida, Simon Rodriguez, que incutiu nele o pensamento de Rousseau, teve um papel fundamental na sua formação, o que se refletiu, posteriormente, na sua performance militar e política.

Segundo seus biógrafos, após a adolescência Bolívar teve uma juventude regada a farras e bordéis, principalmente os da França, tendo conhecido em um desses recantos prediletos o Barão Von Humboldt que acabava de voltar das suas viagens. Sobre a triste

sina da América espanhola, que segundo Humboldt estava condenada à pobreza e à ignorância sob o domínio reacionário da Espanha, Bolívar teria retrucado que “*o destino do Novo Mundo reluziria se seus povos se liberassem do julgo que os oprimia*”, ao que o Barão havia respondido, com certo desdém: “*ainda que as condições favorecessem semelhante empresa, a América do Sul carecia de homens que a levassem adiante*” (HARVEY, 2002: 96). Talvez, influenciado pelas palavras do respeitado viajante, Simon Bolívar chegou, posteriormente, a jurar profeticamente diante do seu mestre Rodriguez que sua vida seria dedicada, dali por diante, a libertar a América do julgo espanhol.

Levando em conta a trajetória de Bolívar, desde o seu juramento em Roma até a conquista final da última batalha pela independência sul-americana, pode-se dizer que as impressões iniciais do Barão não poderiam ter sido mais equivocadas. Apesar de irritar-se com a arrogância do jovem crioulo, foi suficientemente honesto para admitir, com toda a franqueza que lhe era peculiar, que:

*“jamais havia acreditado que Bolívar fosse capaz de se tornar a pessoa indicada para encabeçar a cruzada americana (...) a brilhante carreira empreendida pouco depois de nos conhecermos, me deixou perplexo”.*⁵ (Humboldt, 1980: 187).

A predestinação e o afã de glória cristalizavam-se no Bolívar daqueles tempos, seduzido então pelo exemplo de Napoleão Bonaparte cuja coroação assistiu em Notre-Dame. Embora admirasse o imperador, considerou que a sua coroa era um “*deprimente artifício gótico*” e que a verdadeira glória, naquele momento, advinha da aclamação do povo e do interesse universal que sua pessoa despertava. O que se confirmou posteriormente, foi que, de fato, apesar de Bolívar nutrir uma grande admiração por Napoleão e de apresentar, assim como o imperador, uma tendência à vaidade e à sede de poder, nunca abandonou o seu amor idealista pela liberdade e pela igualdade (HARVEY, 2002: 217).

Quando Bolívar retornou à Venezuela em 1808, pôde constatar que sua reputação de jovem incoseqüente e mulherengo o havia precedido. Poucos lhe dispensavam

⁵ Alexander Von Humboldt, escreveu em Paris, no verão de 1853.

alguma simpatia, e ainda assim, pela importância da riqueza de sua família. Somente seu mestre, Simon Rodriguez, que havia reprovado a sua conduta libertina na Europa, sabia que, no fundo, seu antigo aluno alimentava um liberalismo à *la Rousseau* e um ódio profundo à corrupção e à decadência moral que haviam se instalado na Espanha. Estava diante de um homem convencido do seu destino e com a sorte de ter o seu regresso coincidido com uma série de convulsões políticas. A asfixiante reforma dos Bourbons seguida pelo avanço das tropas napoleônicas sobre o império espanhol e a catástrofe natural que abateu a cidade de Caracas e seus arredores, uma inusitada erupção vulcânica que fez cerca de dez mil vítimas, forneceram o contexto apropriado para que a elite crioula regional levasse suas reivindicações até o limite da secessão, sob o comando de Francisco Miranda. Por ocasião do terremoto, que pareceu um castigo à população de Caracas arrependida por ter traído o rei ao aceitar a idéia de separação, teriam dito a Bolívar “*Que tal? Parece que a natureza tem tomado o partido dos espanhóis*”. Com uma confiança arrogante, Bolívar teria respondido “*Se a natureza está contra nós, lutaremos contra ela e a faremos obedecer.*” (HARVEY, 2002: 103).

Apesar da antipatia de Miranda em relação ao jovem Bolívar, este se integrou à Delegação que buscava apoio e reforços junto à Inglaterra e aos Estados Unidos para a causa da rebelada Junta de Caracas. Sua admissão foi prontamente acatada, já que Bolívar se ofereceu para custear essa empreitada, na verdade a primeira de uma série de eventos patrocinados com sua fortuna, que foi se esvaindo ao longo das guerras de emancipação que dirigiu e custeou. (FLORES GALINDO, 1987: 67).

Desde os anos de 1811, Bolívar era o mais fiel representante dos princípios radicais da *Sociedade Patriótica* que defendeu com vigor a independência total da Espanha, sem que fosse possível ceder a nenhum acordo. Como Miranda, defendia a centralidade do poder e a necessidade de união dos territórios rebelados, mas a Constituição da independência garantiu o auto-governo à cada cidade, quando muitas delas declararam sua lealdade a Fernando VII. A situação chegou a um ponto desfavorável para os crioulos rebelados que o governo, constituído pelos mais antigos e ricos representantes de Caracas, pedia a Miranda para negociar a paz. Miranda o fez impondo certas condições, ao que os radicais da *Sociedade Patriótica*, como Bolívar, responderam acusando-o de traidor. O armistício firmado entre Francisco Miranda e o “*Terror da Venezuela*”, Monteverde, foi rompido pelos espanhóis obrigando os crioulos

a se entregarem sob condições muito desfavoráveis, ou continuarem a luta pela independência. (HARVEY, 2002: 298).

A guerra contra os exércitos espanhóis, uma das máquinas militares mais poderosas e desapietadas que o mundo já conheceu, exigia uma mão de ferro, agressiva, sem prudência, inflexível. A liberdade da América Latina não era, naquele momento, tarefa para homens dóceis, civilizados, diplomáticos e éticos. Era tarefa para loucos, o que foi, precisamente, Simón Bolívar. Acusado de crueldades e de atitudes despóticas, estava disposto a varrer qualquer vestígio de controle hispânico sobre a América, o que o levou a um comportamento racista e anti-europeu. Mas não seria fácil angariar a confiança da população pobre, desacreditada das vantagens da liberdade, pois os espanhóis haviam se encarregado de alimentar ainda mais o ódio entre as classes exploradas contra os crioulos. Além disso, o medo do confronto com o exército espanhol fazia a população abandonar vilas e povoados, ou mesmo a obrigava a servir do lado espanhol, o que tornou o apoio dessa gente escasso. A respeito da performance dos exércitos reais, sob o comando de Monteverde, escreveu Bolívar:

“A rebelião dos negros, tanto livre quanto escravos, ocorreu com a ajuda e o apoio dos agentes de Monteverde que os utilizou contra nossos povos, empapados de sangue e dos bens dos patriotas, e em marcha sobre as cidades cometeram nessas vilas, e em especial na cidade de Guatire, os crimes mais horrendos, roubos, violência e devastação (...). Aqueles que se renderam, trabalhadores pacíficos, homens muito estimados foram mortos a tiro de pistola, espada e barbaramente decapitados, inclusive depois de publicar-se o armistício. Havia sangue por todos os lados, os cadáveres decoravam as praças e ruas de Guatire, Calabozo, San Juan de Los Morros e outras cidades habitadas por gente pacífica, acostumada ao trabalho duro, que por ter tomado armas ou fugido para as montanhas diante do avanço das tropas, foi arrastada, encarcerada e morta sem nenhuma formalidade, causa nem juízo. Qualquer oficial estava autorizado a dar sentenças de morte contra aqueles considerados patriotas ou àqueles a quem queriam roubar.” (HARVEY, 2002: 130).

A política de Bolívar frente a esses atos não foi mais honrosa, respondeu a eles matando quantos espanhóis pudesse encontrar, pois segundo disse uma vez, “*É difícil aplicar a justiça a quem nos ofende*” (HARVEY, 2002: 132). Também obrigou os negros a se alistarem no exército crioulo em troca de liberdade - sob a ameaça de voltarem ao cativeiro. Em 1811, o congressista norte-americano Henry Clay, (HARVEY, 2002: 190), defendendo a posição de Bolívar declarou que os espanhóis, depois de violarem as mulheres as queimavam vivas, escalpelavam os pés dos

prisioneiros e os faziam caminhar sobre brasas, e arrancavam suas orelhas como troféus de guerra, num rol de atrocidades que seria demorado descrever. Não foi somente Bolívar que enlouqueceu diante daquele contexto de insanidades. Antônio Nicolas Briceño, advogado brilhante e culto, diante das aberrações que havia presenciado, organizou sua própria insurreição, promovendo seus homens segundo a quantidade de cabeças de espanhóis por eles decapitadas: trinta cabeças elevava o soldado ao grau de Tenente. Briceño foi testemunha das “festas” promovidas por Boves, psicopata e ex-detento desterrado para a América que formou e comandou a legendária *Legião Infernal* sob os auspícios da Espanha de Fernando VII contra os patriotas. Ao passar pelas vilas e cidades, obrigava todas as mulheres a dançar para os soldados que as violavam e depois as esquartejavam. Conta-se que o próprio Boves, após assassinar uma mulher grávida, abriu seu ventre para se divertir com a convulsão do feto. (HARVEY, 2002: 136).

Para muitos historiadores, as bestiais crueldades dos espanhóis foram contestadas pelas de Bolívar, que poderia ter quebrado o círculo vicioso da violência e mantido a fé em seus ideais políticos. Mas Bolívar era um homem de sangue quente, um louco a quem se deve a liberdade, ao menos formal, da América espanhola. Sua ferocidade demoníaca, e o conseqüente temor que infundia em seus adversários, foi parte importante do seu êxito. Após uma série de batalhas, foi obrigado, em 1816, a se refugiar na Jamaica e depois no Haiti. No exílio preparava o Exército Libertador. Após a vitória de Maracaibo em 1821, Bolívar controlava um território equivalente a dois terços da Europa Ocidental, apesar de 250 mil pessoas terem sido sacrificadas em nome da independência da Grande Colômbia. Além de ter contado com muitos partidários e amigos, Bolívar angariou a desconfiança, a inveja e a ira de homens tão ambiciosos quanto ele, mas tão inescrupulosos como ele jamais havia sido. Sua aguda e amarga franqueza, sua maneira de dizer, sem melindres, o que pensava de tudo em sua volta e, mais que isso, a capacidade de por em prática as suas crenças, fizeram dele um homem odiado por muitos dos seus contemporâneos mais poderosos, como Francisco de Santander, a quem um dia havia chamado covarde e quem, mais tarde, tentara matar Bolívar.

As discussões historiográficas em torno do encontro fechado de Guayaquil entre Bolívar e o General San Martín, em julho de 1822, ainda não trouxeram um acordo sobre suas posturas. O fato de San Martín ter sido um fervoroso defensor da monarquia

parece ter feito dele um alienado sobre os anseios e necessidades da América Latina, embora sua reputação como militar e cidadão americano tenha sido sempre admirável e, até sua conduta em relação a Bolívar e aos rumos da guerra, quando decidiu se retirar de cena, é sem dúvida irreprovável. Embora tenha reconhecido a importância dos feitos de Bolívar para o destino da América e de ter sempre se congratulado com ele, o que reforça o seu caráter e sua consciência sobre as questões políticas, a forma implacável e digna com que San Martín escreveu a Bolívar pouco antes de retornar à Europa, reflete a imagem de arrogância e imaturidade que o Libertador deixou como lembrança ao General das Tropas do Sul.

Ao longo de pouco mais de uma década, um jovem crioulo mantuano⁶, com pouca experiência bélica e nenhuma, em absoluto, como general, havia orquestrado uma ofensiva esmagadora contra o inimigo, levando adiante campanhas militares das mais brilhantes na história. Dirigindo seu exército através de montanhas supostamente intransponíveis, Bolívar havia ganhado várias dezenas de batalhas e posto em fuga diversos exércitos para converter-se no Libertador. Quando aos 27 anos ofereceu seus serviços militares ao Congresso da Nova Granada, lhe atribuíram uma tarefa irrelevante e a ele estava vedada a iniciativa de qualquer operação militar. Mas sua desobediência fez diferença para o movimento emancipador, e quando os líderes militares da época tiveram que integrá-lo como oficial, na verdade estava ganha sua primeira batalha.

Deleitava-se com as aclamações de seus admiradores e compreendia a utilidade das festas e celebrações para levantar a moral de suas tropas e para manter bem viva a sua vaidade pessoal. Conta um dos seus contemporâneos que certa vez, já General, quando recebia em sua casa de campo a melhor sociedade de Nova Granada, Bolívar escutava a todos, que o bajulavam, com sua habitual atenção disfarçada de indiferença:

“Quando serviram o champanhe, levantou sua taça e saudou a todos com breves frases brilhantes, que despertaram o entusiasmo geral. Todos queriam cercá-lo e brinda-lo. O aclamavam em voz alta e o abraçavam efusivamente. Ao ver-se quase sufocado, subiu em uma cadeira e logo à mesa, que cruzou de ponta a ponta, quebrando pratos e taças, e derrubando garrafas. Os convidados, excitados, o receberam no lado extremo da mesa e os levaram triunfalmente nos braços até o salão”. (HARVEY, 2002: 273).

⁶ Diz-se da elite crioula mais abastada das Américas.

Conquistadas as independências, Bolívar teria de enfrentar um novo exército, agora composto não por soldados, mas pelos inescrupulosos senhores do governo e da nova ordem. Embora hoje seja acusado de ter sido um membro da elite crioula liberal, aspecto a que se ligam os seus críticos mais leigos, Bolívar havia colocado sua fortuna pessoal ao serviço do país e se destacava por ser incorruptível. A fama o cegava, mas nunca usou sua posição para angariar mais riquezas. Era um homem escrupuloso com as coisas públicas e completamente desinteressado por dinheiro e por negócios, dos quais cuidava a sua Irmã queixosa pelos gastos de suas empreitadas. Porém, conseguiu aprofundar o ódio de vários dos seus iguais por exigir deles a mesma conduta. (HARVEY, 2002: 274).

O que mais inquietava os novos governantes era o conteúdo moralizante e revolucionário de suas medidas como autoridade pública. O saneamento da justiça e a punição dos funcionários corruptos foi uma de suas preocupações prioritárias. Bolívar começou o seu governo reduzindo pela metade os altos vencimentos dos membros do Congresso e abolindo todos os privilégios que o Estado concedia à Igreja católica, embora tenha passado a freqüentar missas por acreditar que isso devia fazer parte do seu ritual enquanto governante de um povo religioso. A Lei que obrigava os índios a prestar serviço militar obrigatório, num regime de semi-escravidão, foi revogada sob a justificativa de que aqueles cidadãos prestariam melhor serviço ao Estado produzindo alimentos, como o faziam há milhares de anos. De todas as suas medidas, a que mais indignou à sua classe foi a que ordenou a devolução das terras indígenas, “[...] *aos seus legítimos proprietários*”, das quais os seus antepassados haviam sido expulsos. (PINO ITURRIETA, 1991: 74).

Apesar de ter sido acusado por José Martí de ter imposto idéias estrangeiras a uma realidade completamente diversa (ADES, 1997: 13), promulgou leis que incentivavam a indústria e o comércio e a elevação das taxas aduaneiras, justo com o objetivo de proteger a produção nacional da livre concorrência com as mercadorias importadas. O monopólio da navegação do rio Magdalena, concedido por Francisco de Paula Santander a um empresário norte-americano, foi revogado. A milenar indústria têxtil dos índios equatorianos foi protegida com o objetivo de poder vir a vestir, se necessário, toda a América do Sul. As minas particulares foram nacionalizadas e o Estado concentrou o

monopólio de todas as riquezas do subsolo. Decretos especiais visavam à proteção da natureza, nomeadamente as florestas e águas dos grandes rios. Na área da educação, as Faculdades de Medicina de Bogotá, Caracas e Quito foram incumbidas de zelar, em cooperação com as autoridades do Estado, pela preservação das plantas medicinais úteis. (CARRILLO MORENO, 1971: 77).

Bolívar havia chegado à conclusão de que o primeiro dever de um governo consistia em proporcionar ao povo uma boa e gratuita educação. Seu mestre e amigo, Simón Rodríguez, recebeu autoridade para reformar os estabelecimentos escolares existentes e criar outros *“nos melhores edifícios”*, para *“todas as crianças de ambos os sexos que em cada Departamento estejam em estado de instruir-se em ciências e artes”*. A Constituição de Cucutá, redigida e imposta pela oligarquia local tomando como modelo a dos Estados Unidos sob as idéias de Thomas Jefferson – chefe de um Estado formado a partir de outra realidade histórica, estabelecia que um cidadão para ser eleito e elegível tinha de ser proprietário, ou possuir um determinado rendimento. Bolívar aboliu-a e decretou que *“Todos os cidadãos são iguais perante a lei e igualmente admissíveis para servir em todos os empregos civis, eclesiásticos e militares”*. Dispositivos legais como esses intensificaram as críticas ao então Ditador que, segundo seus opositores, promovia o despotismo da maioria. (MIJARES, 1983: 87).

O seu programa de reformas sociais que abrigava a igualdade das raças, e que também foi um acerto de contas com os seus antepassados de sangue “impuro”, havia garantido a Bolívar o apoio de índios e mestiços que lutaram ao lado do seu exército em troca de melhores condições de vida. Acreditava que a desigualdade física tinha de ser combatida incansavelmente sob todas as circunstâncias, porque era uma *“injustiça da natureza”*. (CASTRO LEIVA, 1985: 52). De fato, o projeto de governo que Bolívar mal iniciou por em prática, era o de um homem cujas idéias fundamentais eram sanas e apropriadas ao desenvolvimento sadio e independente da América que ele mesmo admitia como espanhola, porém, o nível de autoritarismo a que queria impor às classes dominantes e ao povo em geral era impraticável: desejava um Senado hereditário, uma Presidência vitalícia e uma Câmara de censores.

É grande o rol da legislação bolivariana de caráter progressista, promulgada durante os dois breves anos de sua ditadura que, segundo a direita colombiana, consistiu numa *“tresloucada agressão à democracia”* (CASTRO LEIVA, 1985: 65). As

mudanças que pretendia realizar incluíam a libertação dos escravos que haviam servido nas guerras de independência, ao que obviamente, sua classe se opunha veementemente. Bolívar enfrentou a hostilidade de todos os países latino-americanos aos quais prestou serviços reconhecidos pelo título de Libertador. Ao regressar do Peru, após cinco anos de ausência, ficou alarmado com a miséria dos povos que havia libertado. Percebeu que após anos de lutas pela independência, esses povos viviam ainda pior que na época da opressão espanhola. Ao transmitir a Santander as reivindicações daquelas populações, escreveu:

“Não sei como não se levantaram ainda todos esses povos e soldados ao concluírem que os seus males não vêm da guerra, mas das leis absurdas que os mantêm reféns [...] tenho mil vezes mais fé no povo que nos deputados (...) jamais um Congresso salvou uma república [...] não conheço outra opção saudável que não seja a de devolver ao povo a sua soberania primitiva, para que refaça o pacto social”.(ROIG, 1984: 46).

Santander acusou-o de pretender desencadear *“uma guerra interior em que ganhem os que nada possuem, que são muitos, e percam os que têm, que são poucos”* (VELIZ, 1984: 57). Após as guerras pela emancipação, Bolívar concluiu que a vitória militar seria inútil socialmente se as novas repúblicas não adotassem uma política que permitisse ao Estado funcionar em benefício das grandes maiorias. Obviamente, suas idéias não poderiam prevalecer num contexto em que confrontavam com o regionalismo conservador e com as ambições da nova aristocracia que havia se instalado no poder. Ao presenciar o surgimento e o aprofundamento de um quadro de clientelismos foi obrigado a reconhecer o colapso do seu projeto, afinal, um projeto utópico. Já à beira da morte e desiludido, escreveu ao General Flores: *“Aquele que consagra os seus serviços a uma revolução, lavra no mar”*.(DOZER, 1974: 252)

A igreja o excomungou e identificou nele um satanás americano. Na Venezuela, retiraram-lhe a nacionalidade e confiscaram-lhe as propriedades que restaram. Seus inimigos, no poder, colocaram-lhe apelidos como *Caudilho dos descamisados, Monstro do gênero humano, Tirano libertador de escravos*. O governo dos Estados Unidos, após o Congresso do Panamá, condenou com veemência o projeto bolivariano de união sulamericana. Monroe e John Quincy Adams viram nele *“um déspota militar de talento”*, *“o louco da Colômbia”*, *“o libertador de negros”*. Na América do Sul chamavam-no de *“jefe de los de abajo”*, *“chefe da negrada e da indiada”* (PIVIDAL, 1977: 54). Foi

considerado proscrito, um fora da lei, pela Assembléia Nacional do seu próprio país. Morreu solitário, doente de tuberculose e pobre. Seus restos foram levados, doze anos mais tarde, para sua natal Caracas, num momento em que se construía a nova imagem da república venezuelana. Escreveu ao general Sucre: “*No futuro dirão que libertei o Novo Mundo mas que não consegui dar estabilidade e felicidade às nações que o circundam*” (ROIG, 1984: 107).

IMAGENS DO TEMPO

Bolívar morreu 178 anos atrás, mas somente há pouco tempo seu pensamento político voltou a ser tema de debates. Recentemente foi exaltado pelo presidente venezuelano Hugo Chávez como um mito, o que tem provocado muitos sentimentos contraditórios sobre sua figura. Esse prolongado esquecimento do Bolívar pensador e estadista tem explicação, e merece algumas reflexões. Não há contestações acerca da sua performance militar porque seu objetivo, o de emancipar politicamente a América através das armas, foi almejado pela elite crioula, e foi alcançado. Mas a segunda parte de sua jornada, a de estadista, com suas reformas sociais e políticas, esbarrou com uma série de inconvenientes causados pelos anseios dessa mesma elite, sobretudo na Colômbia e na Venezuela. Assim, ao longo de mais de um século e meio, liberais e conservadores entenderam-se tacitamente em torno de um objetivo comum, o de divulgar a idéia da existência de dois Bolívares: um, militar, merecedor do respeito e da gratidão de todos os americanos; o outro, político, um governante incapaz, incompatível com a democracia e com vocação tirânica. Ao primeiro se rendem glórias, ao segundo satanizam. Para as oligarquias sul-americanas, Bolívar deveria ter encerrado sua carreira quando o último exército espanhol foi expulso e, segundo a historiografia oficial, o herói esgotou a sua missão após a batalha de Ayacucho. Depois desse evento havia nascido um vilão, imagem que serviu e ainda serve a certos propósitos. Todos os detratores de Bolívar são unânimes em condená-lo por haver assumido um governo ditatorial em 1828. Mas a que tipo de ditadura se referem? Certamente àquela em que a oligarquia seria obrigada a fazer algumas concessões às demais classes além, é claro, de ter que obedecer a um poder vitalício. A aberração da Ditadura a que Bolívar queria

condenar um país recém liberto é um fato, mas é também um fato que as elites desejavam apertar o cerco da exploração sobre índios, negros e pobres em geral, aprofundando ainda mais o fosso social pré-existente, como o fizeram a partir de então. Os novos mandatários jamais desejariam se ver como iguais a negros e índios, apesar de terem eles mesmos se rebelado por terem sido considerados racialmente inferiores pelos peninsulares espanhóis. O tratamento inferior dispensado aos crioulos pela coroa espanhola e pelas elites metropolitanas, foi uma das principais razões dos descontentamentos que levaram às idéias de emancipação política.

As imagens que se construíram de Bolívar ao longo desses quase dois séculos, são as vezes contraditórias e as vezes complementares. Os seus defensores desejam redimi-lo de todas as suas faltas, como se fosse um sujeito isento de erros, um quase Deus. Seus detratores lançam mão de argumentos pouco substanciais e que não fazem nenhuma diferença sobre a sua performance e conduta militar e política, como o fato de ter sido um crioulo mantuano, um adepto do liberalismo, um mulherengo e um ditador. Foi um homem feito de muitos erros, mas também de muitos acertos, que foi bom enquanto serviu aos intentos de uma geração que forjou uma América dita independente sob o signo da dependência externa e da miséria dos trabalhadores. Que foi mau, quando propôs mudar o rumo desse destino.

Bolívar foi, e ainda é, visto a partir de diferentes concepções, e sua imagem serviu de tema para vários enredos, inclusive carnavalescos quando foi tema da escola de samba Vila Izabel Libertadora no carnaval de 2006.⁷ Foi alvo também de muitas comparações, e chegou a ser super-herói de revista em quadrinhos, durante a década de 70, nos Estados Unidos.⁸



⁷ Sob o enredo *O Sonho de Bolívar*, Marquês de Sapucaí, Rio de Janeiro, 2006.

⁸ Exemplar incompleto da coleção particular de revistas em quadrinho - *Daíron Piñeiro de Mejo* - Recife, PE, Br.

O poeta britânico George Gordon Byron, o Lord Byron, contemporâneo de Bolívar que lutou pela independência da Grécia, declarou que não sabia se reuniria seus esforços aos gregos ou àqueles que lutavam pela independência da América do Sul, dando à sua escuna o nome *Bolívar* (MIRAMÓN, 1980: 13). Luis Britto Garcia, comparando Giusepe Garibaldi a ^{Página 56 do quadrinho norte-americano de Michel Roy.} Bolívar, escreveu:

“ambos empreenderam lutas de emancipação para cortar vínculos externos; ambos emanciparam para unificar povos; ambos promoveram idéias republicanas, democráticas e de secularização do Estado; ambos tentaram concretizar reformas sociais e econômicas; os dois sofreram a decepção de, terminada a luta armada, forças contrárias imobilizarem os projetos políticos e sociais”. (GARCÍA, L. Britto, 2006: 11).

Para Néstor Kohan, “*Che foi um Bolívar de outros tempos*” (KOHAN, 2006: 11). Outra vez comparado a Che Guevara, um homem de origem humilde e, portanto, conhecedor profundo das necessidades do seu povo, Bolívar pelo contrário, um crioulo filho da mais rica nobreza americana e defensor do liberalismo, jamais seria capaz de advogar pela causa de homens pertencentes a outras classes, como se a condição de nascimento de um sujeito o condenasse para sempre a ela. Mas, segundo Juvenal Herrera Torres, “*o pensamento de Bolívar, tal como acontece com o de Karl Marx, transcende os tempos. Tem e terá continuadores. Há modernidade no seu pensamento*” (TORRES, 2003: 32).

Karl Marx por sua vez esteve, durante algum tempo, preocupado em desabonar a figura de Bolívar e de todo o movimento de independência contra o império espanhol. Parece haver transferido para Bolívar o ódio que sentia por Napoleão Bonaparte a quem responsabilizava por todas as expressões de centralismo burocrático cada vez que se referia ao assunto. Como Bolívar também era um centralista, e como foi a figura contemporânea de maior destaque na América daqueles tempos, serviu como uma espécie de bode expiatório ao famoso artigo que Marx escreveu em janeiro de 1858 (PEREZ, 2007: 30)⁹. Uma análise de tal artigo realizada por Rodrigo Quesada Monge, (MONGE, 2000: 10), demonstra que Marx deixou escapar alguns erros metodológicos e hermenêuticos herdados de Hegel em relação à análise que se poderia fazer da então realidade dos povos latino-americanos, chamados com muita arrogância, de “*povos sem*

⁹ Parte do artigo está reproduzido em PEREZ, 2007, op. Cit.

história”. Longe de questionar o brilhantismo e a importância da obra monumental de Karl Marx, a questão que se coloca é a forma como o Marxismo quis incluir a América em suas análises para apreendê-la à luz de esquemas estruturados para a compreensão da situação particular da Europa. Porém, seus comentários superficiais sobre Bolívar, a quem imputava uma caricatura do bonapartismo, não podem se reduzir a um problema de eurocentrismo ou de ignorância sobre a América, pois se sabe que Marx estava muito bem informado sobre este continente.

Para Marx, como jamais havia ocorrido na América algo semelhante à Revolução Francesa, o movimento pela independência e os homens que o levaram a cabo, só poderiam ser vistos como oportunistas e historicamente inconseqüentes. Se algo semelhante à burguesia européia não existia na América Latina, então não seria possível falar em revolução. De fato, a América apresentava sérias limitações para estabelecer sua identidade nacional, entretanto, esta não era uma questão que se resolveria com um debate sobre o Estado e sua procedência hegeliana ou não, como havia concebido Karl Marx. Em seu artigo, publicado na *New American Cyclopaedia*, utiliza-se da citação de Ducoudray-Holstein, assessor da presidência norte-americana, que havia estado com Simon Bolívar poucos meses antes de sua morte. Escreve Marx:

“Simon Bolívar mede cinco pés e quatro polegadas de altura (1,63m), seu rosto é magro, de faces cavadas, e sua pele pardacenta e lívida; seus olhos nem grandes nem pequenos se afundam marcadamente nas órbitas; seu cabelo é ralo. O bigode lhe dá um aspecto sombrio e feroz, particularmente quando se irrita. Todo o seu corpo é magro e descarnado. Seu aspecto é o de um homem de 65 anos. Ao caminhar, balança incessantemente os braços. Não pode andar muito a pé e logo se cansa. Agrada-lhe se esticar ou sentar na rede. Tem freqüentes e súbitos acessos de ira, e aí fica como louco, se lança na rede e desanda em palavrões e maldições contra todos quantos o rodearem. Gosta de proferir sarcasmos contra os ausentes, não lê senão literatura francesa de caráter leviano, é um ginete consumado e dança valsa com paixão. Agrada-lhe ouvir-se falar, e pronunciar brindes o deleita. Na adversidade e quando está privado de ajuda exterior torna-se completamente isento de paixões e ataques temperamentais. Então se torna aprazível, paciente, afável e até humilde. Oculta magistralmente seus defeitos sob a urbanidade de um homem educado no chamado *beau monde*, possui um talento quase asiático para a dissimulação e conhece muito melhor os homens que a maior parte dos seus compatriotas.”¹⁰

A preocupação com o aspecto da figura do Libertador, a começar pela observação de sua baixa estatura, passando pelos seus vícios e temperamento, denota as impressões,

¹⁰ Artigo originalmente publicado em *New American Cyclopaedia*, 1858.

ainda bem recorrentes na Europa do século XIX, sobre a natureza geral da América com seus bichos, plantas e homens, em muito, inferiores aos do Velho Mundo. A Teoria de Buffon (NUÑEZ, 1989: 27)¹¹ ainda entoava seus ecos na voz e nas entrelinhas dos textos de homens letrados, para quem os ares americanos haviam deteriorado aquelas gerações que partiram um dia da península ibérica, para se estabelecerem deste lado do hemisfério. O texto de Marx trata do estado físico e psicológico de Bolívar, mas não se faz acompanhar da observação de que se trata de um homem doente de tuberculose e de depressão, e à beira da morte. Com pouco mais de 40 anos, Bolívar mais parecia um ancião. A referência ao hábito de usar a rede, ao seu comportamento débil geral e à comparação com um ginete consumado - equino pequeno e ágil - remete a uma convicção em voga naquele século, e quiçá ainda hoje: a da barbárie americana, encarnada não somente nos povos autóctones, mas também naqueles homens apartados do mundo civilizado que era a Europa ocidental. A suposta dissimulação, comparada a de um asiático, de certo seria uma herança do seu antepassado indígena, cujas formas sub-reptícias de enganar os europeus surpreenderam vários cronistas (BRUIT, 1992: 83).

Para o filósofo Hernando González (GONZÁLEZ, 2002: 100), um defensor romântico de Bolívar, a sua primeira campanha pode ser comparada às de Alexandre, Aníbal, César e Bonaparte. A caminho do Prata em 1825, a notícia da guerra civil entre as regiões da Grande Colômbia, que hoje são Colômbia e Venezuela, fez Bolívar retornar a pedido do General Paez que lhe dizia:

“A situação no país é muito similar a da França quando Napoleão estava no Egito e os dirigentes revolucionários o chamaram, convencidos de que um governo que havia caído nas mãos da plebe não sobreviveria. Só você, General, está em condições de dizer o que aquele grande homem disse então: ‘*Os conspiradores põem em perigo a existência da nação; salvemo-la.*’” Ao que Bolívar contestou: “A Colômbia não é a França nem eu sou Napoleão [...] O título de Libertador é superior a qualquer outro que o orgulho humano possa conceber. É impensável que eu o degrade.” (HARVEY, 2002: 258).

Entretanto, e talvez de forma bem apropriada para a sua vida após as independências, Bolívar também foi comparado a Dom Quixote de La Mancha por Miguel Unamuno, num famoso ensaio publicado em 1931 e intitulado *Don Quijote y*

¹¹ George Louis Leclerc (Barão de Buffon), naturalista francês, século XVIII.

Bolívar, (SCHILLING, 2004: 35). Compara o destino do Cavaleiro da Mancha com o do Libertador que, tal como o fidalgo manchego, depois de travar umas oitenta batalhas pela libertação da América do Sul, só colheu desgraças. Bolívar, que até a natureza havia enfrentado depois de um terremoto, o estadista que havia fundado a república da Grã-Colômbia, o líder que ambicionava juntar todo o continente num único colosso político, num repente, vira-se sem nada, sem saúde, sem poder e sem fortuna. Enquanto Dom Quixote arrastava as suas magras carnes para ir morrer no anonimato da sua fazendola em La Mancha, Simon Bolívar, despido de tudo, com o corpo devastado pela tuberculose, seguiu a corrente do rio Madalena para ir morrer próximo ao porto de Cartagena. “*Não lhe saia da memória...*” escreve Unamuno,

“...que ao partir de Bogotá, na Colômbia, quando renunciara a tudo, um bando de desqualificados gritava para ele ‘Longanizo! Longanizo!’, como chamavam a um louco da cidade que perambulava pelas ruas fardado de general.” (SCHILLING, 2004: 35)¹²

Após ter sido execrado e banido do seu próprio país, Bolívar, já morto havia décadas, voltou à cena como um ícone nacional em vários países da América do Sul, num contexto em que se tornou necessário organizar um conjunto de símbolos que representasse as nacionalidades. A partir desse momento, toda a iconografia produzida na época das independências hispano-americanas, começou a adquirir importância não só como documentação histórica, mas principalmente como testemunha e colaboradora no processo da construção forjada das novas nações. As imagens contemporâneas à independência, como quadros cujos temas são os acontecimentos históricos e as vitórias contra os espanhóis, cenas alegóricas e personificações da América ou das recentes Repúblicas independentes, foram produzidas em quantidade. Era chegada a hora de construir os heróis nacionais.

Simon Bolívar é figura central nessa produção artística voltada para a representação da nação, num momento em que vários sujeitos que haviam sido considerados proscritos pelos governos constituídos após as independências eram aclamados agora como heróis nacionais. Apesar das posteriores críticas de Karl Marx, Bolívar era admirado em muitos países da Europa, coisa muito conveniente aos novos governos sul-americanos ansiosos pelos investimentos estrangeiros. Foi frequentemente

¹² Texto reproduzido por SCHILLING, 2004.

comparado com Napoleão, como no retrato de 1857 pintado pelo artista chileno Arayo Gómez¹³ que colocou Bolívar sobre um cavalo branco numa referência direta ao quadro de David, *Napoleão Cruzando os Alpes*.¹⁴ Também está representado como Napoleão, de braços cruzados ou com a mão adentrando no colete, pelos venezuelanos José Gil de Castro, em quadro de 1825 e José Maria Espinosa, que segundo Daw Ades¹⁵, conseguiram retrata-lo com aquelas feições descritas mais tarde por José Martí que o descreveu como “*Aquele homem de fronte alta e um rosto devorado por olhos indiferentes a baionetas e tempestades.*” (ADES, 1997: 13). Bolívar sempre rejeitou as comparações com Napoleão e com quaisquer outros personagens heróicos. Dizia: “*Não sou Napoleão, não quero ser ele, nem quero imitar César*” (HARVEY, 2002: 396), se referindo ao título que recebeu na cidade de Mérida, na Venezuela em 1813. Também foi tema do muralismo na aquarela de Fernando Leal, intitulada *A Epopéia de Bolívar* de 1930¹⁶, e desenhado pelo famoso escultor peruano, Miguel Baca Rosi em 1995.¹⁷ Com a idade de 47 anos, aparece como um velho num retrato de José M. Espinosa, pouco antes de sua morte.¹⁸

Certamente, *O General em seu Labirinto*¹⁹, obra de Gabriel Garcia Márquez inspirada na vida de Simon Bolívar, relaciona-se com as observações de Unamuno, ao mencioná-lo como um deprimido leitor de Cervantes. Vários livros foram escritos sobre ele, e são raríssimos os textos isentos de preconceitos e maniqueísmos. Também tem sido objeto de vários artistas de diferentes épocas, como: as pinturas alegóricas de Leclerc, Dubois e Pedro José Figuerôa,²⁰ todos seus contemporâneos, além de escudos e gravuras de artistas anônimos. Sua imagem também aparece em embalagens de produtos como charutos e apetrechos para cavalos, mas como símbolos de virilidade e bravura. Em praticamente todas as cidades hispano-americanas, mas também no Brasil, existe uma estátua do Libertador, embora hoje poucos saibam quem foi. Com a nova

¹³ Infelizmente, não conseguimos autorização para a publicação das imagens citadas, todas pertencentes a acervos museológicos estrangeiros que demandam muita burocracia para autorização de publicação das imagens de sua propriedade. Entretanto, o quadro de Arayo Gomes pode ser visto em www.commons.wikimedia.org/wiki/category:sim

¹⁴ A imagem pode ser vista em www.pt.wikipedia.org/wiki/jacques-louis_david

¹⁵ Ambas imagens podem ser vistas no trabalho de Daw ADES, 1997, p.18.

¹⁶ Imagem pode ser vista em ADES, 1997, p. 152.

¹⁷ A imagem pode ser vista em www.simon.bolivar.org/bolivar/yo_lo_conoci.html

¹⁸ A imagem pode ser vista em ADES, 1997, p. 21.

¹⁹ GARCÍA MÁRQUEZ, 2003.

²⁰ ADES, 1997, p. 16-17.

ascensão de sua imagem no governo de Chávez, Bolívar reapareceu em diversos livros didáticos da Venezuela, inclusive como criança num para-didático intitulado *El Nino que fue Bolívar*, de autoria das escritoras venezuelanas Maria Luisa García e Rafaela Valerino.²¹

O livro de Cristina Marcano e Alberto Barrera publicado em 2004 e intitulado *Hugo Chávez sem Uniforme: uma história pessoal*, há um capítulo que se chama *Bolívar e EU* em que os autores falam da relação que o próprio Hugo Chávez faz entre a sua figura e a do Libertador, e de como essa relação foi construída através de uma série de circunstâncias históricas (MARCANO & BARRERA, 2007: 48-53). Publicamente essa relação se iniciou quando Chávez foi preso, após a tentativa frustrada do golpe de 1992, no Quartel de San Carlos onde se encontram os restos mortais de Bolívar. Desde as primeiras declarações públicas, Chávez invocou a sua figura dizendo: “*O verdadeiro autor desta libertação, líder autêntico desta rebelião, é o General Simon Bolívar. [...] Bolívar e eu queremos que o país mude.*” (MARCANO & BARRERA, 2007: 48-53). Assim, Chávez, preso no panteão mortuário de Bolívar, começava a criar em torno de si um simbolismo muito eficaz, como demonstram os autores do livro.

Para Heram, sua companheira, um fulgor messiânico havia se apossado de Chávez. O messianismo a que ela se referia, é justamente essa relação religiosa, ao que o historiador Luiz Castro Leiva chamou de “*Teologia Bolivariana*” (CASTRO LEIVA, 1985: 33). Outros trabalhos também atentam para essa relação, como o de Germán Carreras Damas que a chama de *Culto a Bolívar*, um texto fundamental sobre a mitificação do herói nacional (CARRERA DAMAS, 1969: 16). Chávez resgatou o herói a quem os venezuelanos haviam traído através dos governos corruptos. O Historiador Elias Pino Iturrieta, outro grande estudioso do tema, argumenta que com a nova Constituição baseada na doutrina de Bolívar e ao acrescentar a palavra Bolivariana à República da Venezuela, Chávez produziu um batismo que encerra um ciclo simbólico iniciado há dois séculos (PINO ITURRIETA, 1991: 63). Segundo as próprias palavras de Hugo Chávez, o que ele propôs foi “*retomar a idéia originária, sob cuja égide nasceu a República venezuelana. A idéia de Simon Bolívar. Não precisamos estar*

²¹ GARCÍA & VALERINO, 2006.

copiando modelos de outras latitudes, [...] Bolívar tinha uma visão pluripolar do mundo.” (MARCANO & BARRERA, 2007: 72).

Na cadeia, Hugo Chávez e os demais golpistas, produziram o primeiro documento revolucionário em torno da idéia de Bolívar intitulado “*Como sair do Labirinto*” (MARCANO & BARRERA, 2007: 72), numa clara alusão ao trabalho de Gabriel Garcia Márquez. Dessa forma, os sublevados de 1992, monopolizaram a figura do Libertador e a utilizaram para o seu projeto. De fato, posteriormente, quando já presidente, Hugo Chávez utilizou uma série de princípios idênticos aos que Bolívar havia aplicado durante sua ditadura, como a proteção e nacionalização de empresas e recursos do país, além de ter tentado moralizar o governo e redistribuir renda. Além disso, também queria se perpetuar no governo. Os novos revolucionários, plagiando Pablo Neruda, diziam que Bolívar ressuscitava de tempos em tempos, e que Hugo Chávez seria o aglutinador e líder do processo.

Para alguns historiadores, Chávez tem uma visão romântica de Bolívar, assim como de si mesmo. Para Iturieta, é como se o Exército Libertador de Bolívar retornasse à ação para lavar a honra da pátria humilhada. Os golpistas haviam se rebelado para cumprir a vontade do seu General. Essa devoção de Chávez a Bolívar tem sido vista como pouco saudável, algo que beira patologia. De acordo com os autores de *Hugo Chávez sem Uniforme*, segundo depoimentos dos que participavam das reuniões do presidente, havia sempre uma cadeira vazia que assegurava a presença do espírito do Libertador nessas reuniões em que ele era o guia e a luz das discussões, uma espécie de sessão espírita acontecia nesses encontros (MARCANO & BARRERA, 2007: 73).

Em 2005 a Venezuela comemorou o bicentenário do juramento de Simon Bolívar. Muitos jornais da Europa trataram a chamada *Revolução Bolivariana* de Hugo Chávez de forma sarcástica, e entre aspas numa clara expressão de rejeição sob a forma de uma desqualificação apriorística dos acontecimentos então em curso na América do Sul. A figura de Bolívar, ao ser associada a de Hugo Chávez, aparece novamente como a do “*perigoso louco do sul*” (POLANCO CÁNTARA, 1994: 27), como assim o chamaram há quase um século os norte-americanos. Nos seus apelos ao povo, Bolívar exclamava que havia chegado o dia da América, e que nenhum poder humano poderia adiar o curso da natureza guiado pela mão da providência. No fim da sua vida, foi forçado a reconhecer que o dia da América, tal como ele havia sonhado, ainda não havia chegado

(HARVEY, 2002: 287). As circunstâncias históricas atuais são diferentes da época de Bolívar, mas ao que tudo indica o dia da América foi novamente postergado para um futuro cada vez mais incerto, embora as condições de dominação da América Latina não se possam perpetuar para sempre, pois o domínio de várias regiões latino-americanas por alguns países ricos se tornou um anacronismo histórico e, dessa forma, a reivindicação do projeto bolivariano de uma unidade estratégica para a os nossos países é extremamente atual e válida, ainda que a longo prazo.

Bolívar, assim como vários Líderes da emancipação sacudiram grande parte do continente, num dos maiores acontecimentos militares da humanidade. Na sua incapacidade para consolidar estruturas políticas estáveis e viáveis, foram vítimas de sua época e lugar. Bolívar estava consciente do seu fracasso, mas a maior tragédia foi que esse fracasso foi exacerbado por um círculo vicioso de subdesenvolvimento político e econômico que tem demorado até os nossos dias. Mas esse ciclo ainda pode ser quebrado, afinal, como disse o Libertador “*A arte de vencer se aprende nas derrotas*” (HARVEY, 2002: 233).

BIBLIOGRAFIA

- ABREU Y LIMA, José Ignacio de. *Resumen histórico de la última dictadura del Libertador Simón Bolívar*. Rio de Janeiro, 1922.
- ADES, Dow. *Arte na América Latina: a era moderna, 1920-1980*. São Paulo, Cosac & Naify Edições, 1997.
- BELLOTTO, Manuel Lelo & CORREA, Ana Maria Martinez. (Orgs). *Bolívar*. São Paulo, Ática, 1983.
- BRUIT, Héctor H. O Visível e o Invisível na Conquista Hispânica da América. In: *América em Tempo de Conquista*. RJ, Zahar, 1992, p. 77-101.
- CASTRO LEIVA, Luis. *La Gran Colombia. Una Ilusión Ilustrada*. Caracas, Monte Ávila editores, 1985.
- CARRILLO MORENO, José. *Bolívar, maestro del pueblo*. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1971.
- CARRERA DAMAS, Germán. *El Culto a Bolívar*. Caracas, Universidad central de Venezuela, 1969.
- DOZER, Donald M. *América Latina: uma perspectiva histórica*. Porto Alegre, Globo, 1974.
- FLORES GALINDO, Alberto. (org). *Independencia y Revolución*. Lima, Instituto Atonal de Cultura, 1987.
- GARCÍA, Maria Luisa & VALERINO, Rafaela. *El Nino que fue Bolívar*. Carcas, Casa Editora Abril, 2006.
- GARCÍA, Luis Britto. Bolívar, Garibaldi y Gramsci: emancipación y revolución. *Revista de LPG* (medio alternativo independiente), www.lapatriagrande.net/ , 2006.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *O General em seu Labirinto*. São Paulo, Record, 2003.
- GONZÁLEZ, Hernando. *Mi Simon Bolívar*. Reproducido por: Corporación Fernando González, www.otraparte.org/ www.simon-bolivar.org/ , 2002, 180 p.
- HARVEY, Robert. *Los Libertadores: la lucha por la independencia de América Latina*. Barcelona, RBA Libros S.A. 2002.
- HUMBOLDT, Alejandro de. *Cartas Americanas*. Venezuela, Ayacucho, 1980.
- IZQUIERDO, José. *Simón Bolívar: reseña histórica*. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1967.

- KAPLAN, Marcos. *Formação do Estado Nacional na América Latina*. RJ, Eldorado, 1974.
- KOHAN, Néstor. *Entrevista concedida a NK*, para [www. Emancipación.org](http://www.Emancipación.org) Medio electrónico www.nuestraamerica.info/, Chile, 2006.
- LYNCH, John. *Simón Bolívar and the Age of Revolution*. Nova York, W.W. Norton and Cia. 1983.
- MARCANO, Cristina & BARRERA, Alberto. *Hugo Chávez sem Uniforme: uma história pessoal*. Brasília, Instituto Nacional do Livro. Fundação Nacional. 2007.
- MIJARES, Augusto. *El Libertador*. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1983.
- MIRAMÓN, Alberto. *Bolívar en el Pensamiento Europeo de su Época*. Bogotá, Banco de la República. 1980.
- MONGE, Rodrigo Quesada. Humboldt, Bolívar y Marx: encuentros y desencuentros necesarios. In: *Escáner Cultural- Revista virtual*. Santiago de Chile, N° 20, 2000, p. 1-16.
- NIKITA, Harwich. Un Héroe para todas las causas: Bolívar en la Historiografía. Revista electrónica. www.iai.spk-berlin , 2003, p. 7-22.
- NUÑEZ, Jorge. La Revolución Francesa y la Independencia de América Latina. In: *Nueva Sociedad*. www.nuso.org/ , N° 103, 1989, p. 22-32.
- PEREZ, Dante. Las Lecturas Marxistas de Walter Benjamín en sus estudios sobre la Experiencia de la Temporalidad Moderna. In: *AdVersus - Revista de Semiótica*. Medio Eletronico www.adversus.org/ año IV, N° 8-9, 2007.
- PINO ITURRIETA, Elias. *La Mentalidad Venezolana de la Emancipación*. Caracas, Eldorado Ediciones, 1991.
- PIVIDAL, Francisco. *Bolívar, pensamiento precursor del antiimperialismo*. Bogotá, Caro y Cuervo, 1977.
- POLANCO CÁNTARA, Tomás. *Simón Bolívar: ensayo de interpretación*. Caracas, Ávila Editores, 1994.
- RODRIGUEZ, Simón. *Obras Completas*. Caracas, Presidencia de la República, 1999.
- ROIG, Arturo. *Bolivarismo y filosofía latinoamericana*. Barcelona, Ariel, 1984.
- ROMERO, José Luis & ROMERO, Luis Alberto (Orgs). *Pensamiento Político de la Emancipación*. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1977.

SCHILLING, Voltaire. Dom Quixote, o melhor livro do mundo. *Cadernos de História do Memorial do RGS*, www.memorial.rs.gob.br, Porto Alegre, 2004.

TORRES, Juvenal Herrera. *Bolívar y su Campaña Admirable*. Porto, Campo das Letras, 2003.

UNAMUNO, Miguel de. *La Vida de Don Quijote y Sancho*. Madri, Cátedra, 1998.

LIZ, Claudio. *La Tradición Centralista en América Latina*. Barcelona, Ariel, 1984.

ZEA, Leopoldo. Bolívar: ideología, utopia, história. In: *Nuestra América*, México, DF, UNAM, N°1, p. 1-88.